

3

O CONTEXTO CULTURAL E TEOLÓGICO DA FÉ CRISTÃ SEGUNDO JOSEPH RATZINGER

Neste segundo momento demonstraremos a situação do ser humano diante da questão de Deus, questão continuamente problematizada por Joseph Ratzinger, para abordar o dilema da fé, introduzindo a questão norteadora de nosso trabalho: Como pode a fé, enquanto força viva e vital, tornar-se realidade hoje?

Para compreendermos a fé cristã, como possibilidade de uma verdadeira existência humana no mundo de hoje, é imprescindível rever o caminho histórico da modernidade, e suas premissas, que, excluindo as bordas metafísicas, fez o mundo fechar-se no material e na formação matemática de toda teoria.

O dilema da fé será abordado a partir de algumas perspectivas específicas que se salientam na obra de Ratzinger, a saber: o dilema da fé em relação ao futuro, seu confronto com o conhecimento e sua relação com a filosofia. Por fim, investigaremos o problema da verdade e a ditadura do relativismo, demonstrando a *inevitabilidade da questão da verdade para a fé cristã* e a gênese do problema da verdade que emerge numa ditadura do relativismo. Assim, cumpriremos nosso primeiro objetivo que é apresentar a crise da fé em nosso tempo.

3.1 – A situação do ser humano diante da questão de Deus

A primeira expressão de toda teologia cristã é Deus. O núcleo central da confissão cristã, o núcleo do ato cristão de existir está na afirmação: Deus existe! Mesmo que o mistério de Deus não possa ser expresso devidamente por nenhuma fala humana, não podemos nos calar em face daquele que é o fundamento e a possibilidade de toda a nossa fala. O homem é chamado a penetrar com a razão humana além de tudo o que se pode medir, isto é, deve abrir-se a algo mais do que o meramente verificável. É chamado a crer. A entender o crer como ato do pensamento, no qual a crença é um pensamento acompanhado de assentimento. Crer não é fechar-se, é abrir-se:

A fé não é ideologia de uma sociedade mais ou menos importante, mas tem a ver com o todo da realidade, com a sua última razão e com o fundamento último de

toda a existência humana. Ela tem a ver com a razão e com a realidade, com toda a realidade do cosmo. Até pertence às tarefas da fé conservar em atividade a razão que procura o sentido das coisas.³²

Se a fé tem a ver com a razão, se a fé tem permanente disposição à verdade, se crer é ainda uma certa maneira de saber, enfim, se “a fé não obnubila a razão, mas a desperta”³³, todo o discurso sobre Deus deve ser inteligível, deve se tornar uma resposta para o homem pela qual ele se sinta atingido. Sendo assim, a Teologia não pode ignorar a situação do homem em face do problema de Deus hoje, a qual é precisamente marcada pelo questionamento, tornando-se a problematidade maior no cristianismo, se é que Deus não é contado entre as questões já superadas que a consciência humana deixou para trás.³⁴

Diante do avanço da ciência moderna, a resposta religiosa às questões fundamentais da existência humana parece tornar-se infundada, uma coletânea vagamente livre sem justificativas defensáveis. Os espaços de sobrevivência de Deus na comunidade científica diminuem aonde a “hipótese de Deus” irá, um dia, tornar-se completamente desnecessária. Aos poucos o evolucionismo, enquanto conceito materialista, reducionista, formador de uma visão de mundo, vai tornando incompatível a fé num Deus Criador, e que, como Criador é a origem e a medida das coisas.

Diante da questão de Deus o ser humano não deve se calar, nem ignorar; sua atitude fundamental é crer não apenas na existência de uma Inteligência Superior, mas num Deus Amor, que existe como Tu, aberto ao encontro fecundo com o homem:

Deus existe – essa frase significa que ele é real. Isso quer dizer que ele existe como alguém com o qual temos a ver. É um poder ativo, não um astro que gira em si, cuja existência finalmente poderia ser irrelevante para o homem.

Deus existe – significa que ele tem poder sobre o homem e o mundo também hoje; o homem tem a ver com ele, Deus pode ouvi-lo e falar-lhe. Deus pode amá-lo e o homem pode aceitar seu amor.³⁵

A Teologia deve dar lugar à problemática de Deus como o homem de hoje a experimenta, para nela poder descobrir de novo a Deus e falar sobre Ele. Aquele que tentar falar da fé cristã para as pessoas, explica Ratzinger na sua

³² RATZINGER, J., *Dogma e Anúncio*, São Paulo: Loyola, 2007, p. 95.

³³ *Ibid.*, p. 95.

³⁴ *Ibid.*, p.79.

³⁵ *Ibid.*, p. 92.

Introdução ao Cristianismo, experimentará logo o sentimento de estranheza e de assombro ao proclamá-la, sentir-se-á incapaz de compreender este mundo e de ser compreendido por ele.³⁶ Diante da questão de Deus hoje, o crente se vê tomado por uma sensação de fé e dúvida.

Para descrever tal realidade, faz a comparação do teólogo com o palhaço, conto narrado por Kierkegaard, também contado por Harvey Cox.³⁷ A história narra um incêndio num circo ambulante. O diretor envia o palhaço até a cidade para buscar ajuda. Mas os habitantes viram nos gritos do palhaço apenas um belo truque de publicidade que visava levá-los às apresentações no circo. No entanto, tratava-se realmente de um incêndio. O fogo alcançou a vila, destruindo não só circo, mas também o povoado. O palhaço que não consegue fazer as pessoas ouvirem a sua mensagem é, para Ratzinger, a imagem do teólogo:

Essa imagem capta sem dúvida um aspecto da realidade apreensível em que se encontram a teologia e o discurso teológico nos dias de hoje, pois revela o peso representado pela impossibilidade de desfazer os estereótipos do pensamento e do falar habituais, para mostrar que a teologia trata de um assunto da maior importância para a vida humana.³⁸

Aquele que tentar anunciar a fé com uma atitude autocrítica perceberá que a questão de Deus está além de um problema de anúncio, que não se resume a uma crise de roupagem em que a teologia se apresenta. Experimentará que a questão é muito mais séria e reconhecerá não apenas a dificuldade de fazer-se entender, mas também a insegurança da própria fé. De fato, a descrença expressa um problema específico da fé em nossos dias.

Não basta despir a roupa, retirar a maquiagem, assumir a linguagem do mundo através de um simples *aggiornamento*, entendido muitas vezes como mera adaptação. Para Ratzinger é necessário confrontar-se com o mundo, é necessário que a fé e a verdade encarem a realidade. A fé tem algo a dizer, algo que só ela pode dizer.

Mesmo que a fé se realize sobre o oceano da dúvida, que o fiel esteja sempre ameaçado pela queda no nada, Ratzinger admite, dialeticamente, que o incrédulo também vive sob o peso da dúvida; a fé lhe é provocante. Ninguém

³⁶ Cf. RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico*, São Paulo: Loyola, 2005, pp. 31-37.

³⁷ Cf. *Ibid.*, p. 31.

³⁸ *Ibid.*, p. 32.

consegue, hoje, fugir totalmente da dúvida, nem da fé. Tanto fiel como incrédulo participam da dúvida e da fé:

Para um, a fé marca presença contra a dúvida, para o outro, a fé está presente pela dúvida e na forma da dúvida. Faz parte da configuração fundamental do destino humano poder encontrar o caráter definitivo da sua existência tão somente na rivalidade interminável entre dúvida e a fé, entre a tentação e a certeza.³⁹

Assim se encontra o ser humano diante da questão de Deus: o fiel constantemente ameaçado pela incredulidade, e o incrédulo ameaçado pela fé, que questiona seu mundo aparentemente completo. Mas não basta descrever este dilema para situar o ser humano, é preciso assumir um posicionamento diante da realidade como um todo, pois o que está em jogo é o realmente todo: tudo ou nada.

É preciso, portanto, discutir o dilema da fé no mundo de hoje. Há um problema fundamental que está na base da questão de Deus, que reside no problema da natureza do processo histórico em relação à transcendência de Deus e a sua verdade. Como Ratzinger afirma, “a razão sozinha, como se exprime na ciência, não pode ser toda a resposta do Homem à realidade e não é capaz de expressar tudo o que o Homem pode, quer e deve exprimir”.⁴⁰ A fé diz ao ser humano que ele não pode ser sustentado somente pelo que é visível e tangível, pelo mensurável, mas o impele a uma abertura decisiva para o Logos, o sentido. A fé se apresenta como forma básica de relacionar-se com o ser, com a existência, com o total da realidade.⁴¹

Portanto é necessário adentrar no processo histórico, buscar as raízes da ausência de Deus, que nos afligem hoje, e que remontam àquela transformação da imagem do mundo que começa com o início da Idade Moderna, quando, aos poucos, a “hipótese Deus” pareceu se tornar dispensável.

3.2 – O dilema da fé no mundo de hoje

Questionado sobre os maiores problemas e perigos para a fé hoje, Ratzinger aponta para duas grandes tentações.⁴² A primeira é que a fé se retraia

³⁹ Ibid., p. 36.

⁴⁰ Id., *O sal da Terra*, p. 40.

⁴¹ Id., *Introdução ao Cristianismo*, p. 39.

⁴² Entrevista com Teófilo Cabestrero. Livro que reúne várias entrevistas com diversos e renomados teólogos da década de 70. Cf. CABESTRERO, T., *Conversaciones sobre la fe: entrevistas*, Salamanca: Sigueme, 1977.

ante o mundo para estar segura em si mesma, que o crente se refugie de algum modo no mundo interior da fé e da piedade, e somente aí exercite sua fé, perdendo seu dinamismo evangélico de abertura universal e histórica, se degenerando em ideologia de uma seita.

Outro perigo, precisamente o contrário deste, é a compreensão da fé como pura política, na qual a esperança da fé identifica-se com a esperança que o marxismo ou outro sistema político oferece aos homens, na qual a fé é transformada em uma ideologia política. A fé inclui um compromisso humano e, por conseguinte, também político e isto é uma das convicções mais antigas do cristianismo, mas corre sempre o perigo de fundir-se por completo com a política.

A fé, portanto, encontra-se diante destes dois perigos: isolar-se do mundo formando um gueto e perdendo sua dinâmica ou secularizando-se, perdendo o que lhe é próprio, sua atividade própria. Nas palavras de Ratzinger: “Parece que a fé se encontra hoje diante de dois perigos: o perigo de uma pura introversão no interior da Igreja, e o perigo de uma extroversão em pura ação política. Ambas as coisas significariam uma derrota”.⁴³

No entanto, situar o dilema da fé somente a partir destes dois problemas (visto sob ótica eclesial) é menosprezar a questão. Ratzinger vai além, busca tratar tal questão com maior profundidade, buscando sua gênese, oriunda certamente noutra época: as transformações que as descobertas da época moderna trouxeram em face do pensamento da Idade Média se apresentaram como decisivas para uma mudança radical no modo de compreender a realidade.

Ratzinger busca respostas para o dilema que vive a fé hoje nas alterações na orientação fundamental do pensamento: no sucesso das descobertas do mundo material, nos resultados dos novos métodos de observação, experimentação e formação matemática de teorias. Daí ele afirma: “Como Deus não pode ser observado no sentido de experiência repetível, não pode aparecer dentro deste método – a sua essência desse método torna-o impossível”.⁴⁴

No entanto, a situação crítica para a fé surge quando o método positivista e a sua necessária limitação se transformam numa *filosofia positivista*, que não aceita mais como realidade senão aquilo que é acessível pelos sentidos,

⁴³ RATZINGER, J. apud. CABESTRERO, T., *op.cit.*, p. 191 (tradução nossa).

⁴⁴ RATZINGER, J., *Dogma e Anúncio*, p. 81.

fazendo assim da limitação metódica uma restrição de princípio. Diante dessa aspiração de compreender toda a realidade pelo método positivista, a teologia e a filosofia sofrem sérias consequências:

As áreas reservadas à teologia, e a filosofia que se interroga pelo elemento metafísico, estão diminuindo sempre mais (...). Assim, as afirmações teológicas aparecem quase necessariamente como pré-científicas, possíveis por ora só devido às imperfeições da investigação positivista, devendo um dia ser superada por ela. (...) A tudo isso acresce o desaparecimento progressivo de uma filosofia autônoma que deixasse à fé o espaço no qual se pode desdobrar. Não há filosofia admitida em geral, a não ser o positivismo que se impõe em grande escala, mas precisamente não deixa possibilidade para a fé.⁴⁵

Naturalmente que o homem que procurar existir só positivamente, limitando-se àquilo que pode ser calculado e medido, será sufocado, sua fé questionada e silenciada, pois ideias como de *um futuro construído pelo homem* exigem nova ordem de pensamento, nova cosmovisão, reinterpretação da história e do papel do homem na história, onde não há espaço para o invisível, para o mistério. Desse novo modo de viver, surgem muitas e difíceis questões para compreender a fé, não só como conjunto do conhecimento, mas na relação com um Deus que é Pessoa, como força que sustenta todo sentido. Por isso, seguindo algumas reflexões de Ratzinger, queremos aprofundar o dilema da fé limitando-nos a três aspectos: *fé e futuro*, *fé e conhecimento* e *fé e filosofia*; nas quais ele propõe uma nova leitura, superando limitações, superficialidades e deturpações.

3.2.1 – O dilema da fé em relação ao futuro

A vida do ser humano, hoje, é marcada pela mobilidade do real. Se o mundo de outrora se caracterizava pela continuidade, o homem contemporâneo se depara com um inacabamento de tudo que existe, testemunhando uma realidade que não é estabilidade, mas evolução. A partir destas constatações, Joseph Ratzinger parte para uma análise sobre a situação do homem diante da questão de Deus: “os limites fixamente esboçados das essências desaparecem, acentua-se a mobilidade do real, a doutrina da evolução, torna-se por assim dizer intrinsecamente crível e realizável para o homem”.⁴⁶ Estes e outros argumentos demonstram uma crise da realidade ou da verdade, mas também

⁴⁵ Ibid., p. 82-83.

⁴⁶ RATZINGER, J., *Fé e Futuro*, Petrópolis: Vozes, 1971, p. 60.

um agulhão na questão de Deus, um questionamento e até isolamento do problema da criação e da libertação, elementos da fé cristã radicada desde os testemunhos bíblicos.

O abismo que existe entre o “outrora” e o “hoje”, o qual se une a outro abismo, entre o “visível” e o “invisível”, descritos por Ratzinger, é característica do homem de hoje, o qual faz nítida opção pelo futuro, caracterizado pelo “progresso” e não pela “tradição”; pela esperança e não pela fé. Mesmo diante de certo romantismo a respeito do passado, o reino do homem é o amanhã, o mundo que ele mesmo constrói: “O que é esperado, ao contrário da Igreja primitiva, não é o reino de Deus, mas o reino do homem, não é a volta do Filho do homem, mas o surgimento definitivo de uma ordem racional, livre e fraterna, composta de homens que se encontram a si mesmos”.⁴⁷

Aos poucos o homem vem construindo o seu mundo, a “cidade do homem”, como falava Agostinho. Cujo alicerce não é outro senão a crença no próprio homem, cimentado pelo ideal do progresso e de uma vitória humana sobre qualquer realidade além que possa existir. Nesta construção não invoca tradição ou revelação, mas cultua as possibilidades do futuro. O que lhe dá segurança neste novo empreendimento é o fato de não estar preso no passado, mas aberto ao futuro.

A passagem destes conceitos é uma das características da modernidade. Se no passado, em diversas situações espirituais, o conceito “tradição” delineava um programa e representava um elemento protetor de confiança, o predominante, com o início da modernidade, temos justamente o oposto, isto é, a tradição pertence ao passado que já não nos pertence, enquanto progresso é compreendido como promessa, é um espaço aberto para o homem.

Mesmo dentro da teologia católica no século XX, segundo Ratzinger, o conceito de tradição perde seu valor quando, muitas vezes, é equiparado ao progresso racional. O problema é justamente este: “reinterpretar a ideia de tradição em forma de ideia de progresso, vendo na tradição já não patrimônio espiritual definido desde o início e sim a força propulsora do sentimento da fé”.⁴⁸

O futuro pertence ao homem, na medida em que o progresso é produto do trabalho, do agir planejado, calculado, e inventivo. Assim, a esperança adquire outro sentido, diferente daquele bíblico: não mais como expectativa do

⁴⁷ Ibid., p. 60.

⁴⁸ Id., *Introdução ao Cristianismo*, p. 41.

indisponível, mas confiança na força humana; não mais como espera escatológica, mas como capacidade de conquistar a própria salvação. Junto a este primado do futuro une-se também o primado da práxis, entendido aqui como um primado da atividade humana sobre todas as outras atitudes. Também na teologia católica se salienta uma abertura sempre maior à *ortopraxis* em relação à *ortodoxia*, como por exemplo: “a *escatopraxis* parece mais importante do que a escatologia”.⁴⁹

Junto com o progresso, como seu motor, a *técnica* se apresenta como gama de possibilidades e incertezas. Sem dúvida que ela cria novas possibilidades ao ser humano, mas simultaneamente oferece novos caminhos ao desumano. A técnica exige planejamento e cria dependências. Planejamentos que exigem deslocamento do homem para a escravização da sua existência. É nesse sentido que Ratzinger conclui: “A cidade do homem começa a infundir-nos medo; ela poderia tornar-se o túmulo do homem”.⁵⁰

As grandes erupções do progresso da técnica geram uma sensação de sufocamento contra o qual desejaríamos nos defender e não podemos. Basta lembrar as armas atômicas, as armas biológicas ou químicas, o aquecimento global, a escassez de água potável, a imensa produção de lixo, etc, que acumulam, mesmo que secretamente na consciência de cada ser humano, uma sensação de medo e insegurança⁵¹.

Trata-se, então, de colocar a pergunta “Que lugar o homem reserva para Deus neste progresso alcançado pelo seu esforço?”; “Que papel tem a fé, qual espaço reservamos para a fé?”. Neste turbilhão de informações e promessas, onde o futuro é venerado como espaço próprio para a construção do homem pelo homem, Deus parece tornar-se um adversário. Mas se Deus e o homem estão em competição, que lugar o “futuro” reservará para a religião e para a moral se elas pertencem ao domínio do não-racional ou mesmo do irracional e são puramente subjetivas? Por isso é preciso questionar tanto o conceito de progresso quanto o da racionalidade moderna, questionar também uma “religião

⁴⁹ Id., *Fé e Futuro*, p. 61.

⁵⁰ Ibid., p. 63.

⁵¹ Tais colocações, a partir da crítica de Ratzinger, não significam que ele seja tecnofóbico ou tenha algum ressentimento antitécnico, mas sim, a clareza de que sozinho o ser humano não será capaz de tratar das ambivalências das evoluções modernas. É preciso ter esperança pela fé e não contra ela. É preciso contar com a ajuda daquele que veio trazer vida em plenitude (cf. Jo 10,10).

dentro dos limites da simples razão” como aquele apresentado pelo Iluminismo, proposta que acabou se esfacelando rapidamente.⁵²

Buscando descobrir a racionalidade interna do cristianismo, e apreciando o otimismo da Constituição *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, em relação à técnica e seus progressos como realizações da missão criadora de submeter a terra ao homem, o qual não pode sucumbir à euforia de uma consciência técnica sem crítica, Ratzinger afirma que “a técnica torna-se a esperança quando ela tem a sua forma reta a partir da semelhança do homem com Deus, que constitui o cerne de sua essência”.⁵³

E mais, Ratzinger apresenta o Deus cristão, não como aquele que busca ordenar tudo de fora, mas como “Filho do Homem”, para sofrer de dentro a paixão do homem juntamente com ele. Da ação de Deus emana também a missão do cristão: “sofrer de dentro a paixão do ser humano, alargar o espaço do ser humano para que este adquira lugar para a presença de Deus nele”.⁵⁴ Assim, compreende que o homem é a esperança do homem, embora ele também seja o seu próprio inferno e a sua constante ameaça. Que a fé em última análise ouse considerar o homem como esperança, vem do fato de que para ela o homem não é mais o ser indeterminável como aquilo que ele continuamente se conhece a si mesmo, mas ultimamente se chama Jesus Cristo: Nele a natureza humana foi assumida, não aniquilada, mas elevada a uma dignidade sublime (GS 22). Nele e definitivamente só Nele o homem é a esperança do homem, ou seja, Deus tornou-se esperança do homem assumindo condição humana, onde a “cidade do homem” é o Reino de Deus.⁵⁵

A técnica não pode ofuscar a ação divina. O futuro não pode depender da vulnerabilidade do ser humano. Voltar-se para Deus não significa impedir o progresso, mas compreender que a “cidade do futuro” será inteiramente humana se for inteiramente de Deus. A expectativa de um futuro sem Deus tornou-se um dilema para a fé cristã. Trata-se de um progresso, de um futuro construído pela fascinação humana diante do conhecimento positivista, estritamente científico, o qual também confronta e interpela a fé.

⁵² RATZINGER, J., *Fé, verdade, tolerância – O Cristianismo e as grandes religiões do mundo*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2007, p. 132.

⁵³ Id., *Fé e Futuro*, p. 64.

⁵⁴ Ibid., p. 63.

⁵⁵ Cf. Ibid., p. 64.

3.2.2 - O dilema da fé no confronto com o conhecimento

Em dezembro de 1969, Joseph Ratzinger pronunciou uma conferência num programa especial da emissora da Baviera, sobre a questão da relação entre fé e conhecimento, a qual foi publicada posteriormente na obra *Fé e Futuro* com outras quatro conferências sobre temas afins. Ele trata do abalo que sofre a fé pela crise do presente como fascinação do conhecimento, num momento histórico de rápido movimento, no qual as possibilidades crescem tanto positiva quanto negativamente até o imprevisível. Deseja mostrar o mal-estar que os homens de hoje sentem com a expressão *fé e conhecimento*, isto é, o peso das muitíssimas sentenças da fé cristã que se acumulam no curso da história e que se apresentam ao homem exigindo fé, e o conhecimento moderno que faz da fé um peso angustiante.

Para tal tarefa, Ratzinger recorda o diagnóstico estabelecido pelo filósofo e sociólogo francês Augusto Comte de que a evolução da consciência humana teria percorrido na história três estágios: do pensamento teológico-fictício passando pelo metafísico-abstrato até o positivo-científico, o qual abrangeria todos os âmbitos da realidade.⁵⁶

Neste progresso do pensamento exato

O problema de Deus tornar-se-ia questão superada que a consciência deixaria simplesmente de lado, como supérflua. Assim como hoje ninguém pensa em refutar a existência dos deuses homéricos porque essa existência já não constitui questão real, assim também num pensamento definitivamente positivo o problema de Deus iria deixar de existir por si mesmo.⁵⁷

Comte assume postura diferente em relação a muitos ateus, pois ao invés de lutar contra Deus, ele dirige-se sereno para uma época pós-teística, projetando uma nova religião para a humanidade, “uma vez que o homem poderia existir sem Deus, mas não sem religião”.⁵⁸

⁵⁶ Contra o argumento de Comte, Ratzinger responde que “el hombre nunca podrá vivir en un mero positivismo. Precisamente en aquellas sociedades en que más ha triunfado el positivismo, como son la sociedades de los Estados Unidos y las sociedades de Europa occidental, están reviviendo ahora las más fuertes explosiones metafísicas, pues tanto el gran movimiento marxista como el movimiento de la droga, como también los movimientos religiosos de liberación, constituyen los tres un conato por romper con el positivismo, son un grito de la idea. Esto significa que nunca podrá existir una sociedad meramente positivista, lo cual se puede ya afirmar ahora basados en la experiencia”. In.: CABESTRERO, T., *Conversaciones sobre la fe: entrevistas*, p. 197.

⁵⁷ RATZINGER, J., *Fé e Futuro*, p. 10.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 10.

Essa ideia, compartilhada atualmente por muitos e amplos círculos, exclui o problema de Deus do pensamento, fazendo da “hipótese Deus” uma questão desnecessária de reflexão e o mundo fechado em si mesmo. No entanto, esse sentimento não é próprio dos círculos intelectuais; expandiu-se largamente entre os crentes, os quais se questionam sobre o futuro da fé cristã e a possibilidade de sua superação pelas ciências naturais. O fato é que aconteceu uma ruptura entre o mundo da fé e do conhecimento, ruptura aparentemente irreversível, tornando a fé praticamente irrealizável. O que Comte não previu, sentencia Ratzinger, é o duplo mal-estar, o da fé e, também, o do mundo dominado pela ciência.⁵⁹

A situação do homem moderno é estranha ou ao menos paradoxal, pois justamente no momento em que o sistema do pensamento moderno assume força total, torna-se mais clara a insuficiência dos planejamentos e pesquisas, do cálculo exato e do experimento diante das questões existenciais, sucumbindo à relativização da realidade e da verdade.

O problema maior do positivismo, exigência da natureza metódica das ciências naturais exatas, não é o abandono da filosofia, mas o fato de atingi-la no seu cerne, isto é, na verdade:

Como a ciência natural, também a filosofia hoje já não pergunta pela verdade, mas apenas pela retidão dos métodos aplicados e experimenta o pensamento lógico, sobretudo a análise linguística, independentemente da questão se aos pontos de partida do pensamento corresponde também alguma realidade. Esta parece, assim, inatingível.⁶⁰

A crise do conceito de realidade e com esta a privação da verdade, justamente por este desejo do homem moderno de restringir-se ao exatamente conhecível, são conseqüências inevitáveis do positivismo. Aparecem como características do espírito científico moderno justamente aquilo que faz o homem fechar-se em seu mundo: a renúncia à própria verdade, o recuo ao verificável e a retidão dos métodos. Diante de tais características o dilema da fé torna-se mais dramático.

Neste cárcere do positivo, Ratzinger questiona, então, como deveria ser propriamente a fé, ou como deveria se apresentar.⁶¹ A primeira resposta é de

⁵⁹ Cf. *Ibid.*, p. 11.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 18.

⁶¹ Tal questão norteia o trabalho e deve ser largamente aprofundada no decorrer desta dissertação, no entanto, o contexto exige algumas afirmações.

que a fé não é uma forma diminuída de ciência natural, nem mesmo um conhecimento provisório, diferenciando-se do positivismo:

A forma fundamental da fé cristã não é: *eu creio em algo*, mas: *eu creio em ti*. Fé é uma abertura da realidade, que só é propiciada ao que confia, ao que ama, ao que age como homem, e, assim sendo, não deriva do conhecimento mas é original como este e até mais fundamental e mais central do que este para o que é propriamente humano.⁶²

Portanto, o conteúdo da fé não pode ser comparado a um sistema de conhecimento, mas apresentar-se como uma forma de confiança: “a fé não é, em primeira linha, um grande edifício de numerosos conhecimentos sobrenaturais que, como uma estranha segunda ordem de conhecimentos, estariam ao lado do campo da ciência, mas uma resposta afirmativa a Deus, que nos dá esperança e confiança”.⁶³

O conteúdo da fé cristã é a revelação de Deus em Cristo, isto é, a confiança no fato de que em Jesus de Nazaré Ele se mostrou a si.⁶⁴ Nas ciências exatas se formula um modelo partindo de diversas observações isoladas, insere-os num contexto geral e daí proporciona a possibilidade de novos avanços, sendo melhor modelo aquele que explica um maior número de fenômenos. Mas os processos decisivos se dão quando adquirem observações puras cujo domínio nenhum dos modelos atuais está capacitado. Estes fenômenos que não se deixam enquadrar são importantes porque exigem um novo modelo e geram uma visão nova e mais ampla do real.

Este é o dilema da fé no mundo de hoje. A teologia encontra-se diante de uma situação aberta para pensar a fé sabendo que nunca poderá tornar inteiramente clara a unidade entre fé e conhecimento, mas precisa buscar uma resposta afirmativa da fé como tal e, somente num segundo momento, dos diversos conteúdos em que a fé se afirma. Por isso Ratzinger vai posicionar o núcleo da fé não em um sistema de conhecimentos, mas como uma confiança existencial: “Fé cristã é o encontro de um Tu que se sustenta e, apesar de toda deficiência e da última defectibilidade do encontro humano, dá a promessa de um amor indestrutível que não só deseja mas concede eternidade”.⁶⁵ A fé é,

⁶² Ibid., p. 20.

⁶³ Ibid., p. 20.

⁶⁴ Também esta questão central, da caracterização do conteúdo em Jesus, será melhor refletida. Por ora temos que salientar a impossibilidade de chegarmos ao conteúdo simplesmente pela abordagem ou método das ciências exatas.

⁶⁵ Ibid., p. 22.

portanto, uma atitude de existência, uma decisão fundamental que Ratzinger circunscreve com a palavra *confiança*.⁶⁶

3.2.3 - O dilema da fé na relação com a filosofia

O dilema em que se encontra hoje a fé cristã tem, para Ratzinger, múltiplas razões. Já apontamos o mal-estar da fé com o conhecimento moderno e sinalizamos que o positivismo adentrou também no mundo da filosofia. E é esta, para o teólogo bávaro, uma das razões mais importantes para o dilema da fé: a fé se encontra abandonada pela filosofia, pois esta já não oferece uma imagem de mundo na qual a fé encontre sentido e lugar, como na antiguidade e na Idade Média. Isto acontece pelo processo de racionalização, fenômeno que mais profundamente identifica a modernidade, iniciado por René Descartes (1596-1650), promovido pelo Iluminismo e consolidado durante o século seguinte por Augusto Comte (1798-1857) e Karl Marx (1818-1883).

A racionalidade tinha permanecido durante séculos como monopólio de filósofos e teólogos, que procuravam responder às grandes questões relativas à origem e destino último do ser humano, assim como temas relacionados à ética e política. Mas aos poucos a razão, a de matriz iluminista, não é mais capaz de dar conta de todos os fatores da realidade, de orientar suas conquistas para responder às exigências humanas, pois ficou limitada ao desenvolvimento científico da ciência e da tecnologia, que se recusa a pensar além do método matemático e pelo método empírico de comprovação da verdade. Recusa-se a pensar o fundamento da realidade e, por isso, após uma rápida ascensão, tem sua queda em posições niilistas.

Seguindo este raciocínio, Ratzinger entende que a modernidade, ao menos no seu início, manteve uma base de metafísica comum, na qual a filosofia era um espaço de transição entre as ciências exatas e o âmbito da própria fé, assegurando uma ideia de Deus que fala e se revela ao ser humano. Mas com o fim da metafísica a cisão é inevitável:

A partir de Kant operou-se, cada vez mais, o rompimento dessa unidade de pensamento filosófico e, sobretudo, a certeza confiante de que o homem de modo convincentemente fundamentado poderia além dos domínios da física tatear sobre

⁶⁶ Confiança enquanto categoria existencial, isto é, no sentido de depositar as próprias esperanças acerca do futuro em Deus. Confiança esta estritamente ligada à fé, como conhecimento e obediência, como abandono no amor (1Jo 4,18). Confiança baseada num relacionamento afetivo e efetivo com Deus, na certeza de que Ele age a nosso favor, que é Deus conosco. Esta categoria será melhor trabalhada no próximo capítulo.

a essência das coisas e sobre o seu fundamento desapareceu quase completamente.⁶⁷

Ratzinger situa a história da filosofia, após Immanuel Kant (1724-1804), como uma contínua busca pela restrição rigorosa do seu raio e por uma clara definição de seus métodos, tornando-se também ela “positiva” no sentido da ciência natural, isto é, restringida ao claramente verificável. O pensamento filosófico moderno é orientado, então, por uma tendência fundamental comum, o esforço de fazer da filosofia uma ciência exata. E isto está melhor apresentado na filosofia kantiana:

Kant mesmo se tinha esforçado em dar o passo decisivo nessa direção ao considerar o esforço metafísico da filosofia como ‘pré-crítico’, ao colocar a ‘coisa em si’, portanto a profundidade do real, à margem da filosofia como incognoscível ao homem e, falando de modo muito global, ao tê-la reduzido à análise das condições de possibilidade do conhecimento humano, portanto à explicação das leis da consciência humana.⁶⁸

No entanto, uma racionalidade estruturada positivamente não é capaz de conhecer a realidade em seus fatores constitutivos, porque escolheu quais fatores focalizar e quais abandonar. Não é mais capaz de dialogar com as culturas, nem mesmo com as grandes religiões. Uma razão reduzida ao conhecível é incapaz de dialogar com a fé, deixando-a a mercê de um sentimentalismo, gerando amplos espaços de irracionalismos. Por isso Ratzinger salienta a inesgotável abertura da razão diante do inexaurível chamado de real, na qual a razão é exigência de totalidade, da verdade. Somente assim, alargando o uso da razão, a fé poderá conduzi-la ao reconhecimento do Mistério presente.

Ratzinger observa que, a partir de Kant, a razão humana não é mais capaz de compreender a realidade em si e, sobretudo, a realidade transcendente. A alternativa iluminista de uma razão científica é mais aceita hoje, não para a afirmação de Deus ou sua revelação, mas apenas para afirmar que Ele é totalmente inacessível e incompreensível para o ser humano. A razão proposta pelo iluminismo se propõe apenas a pensar as imagens de Deus nos diversos contextos culturais, relativizando-as. E assim, não parece existir diferença tão radical entre as diferentes formas de religiosidade, nem mesmo em relação ao agnosticismo ou ateísmo.

⁶⁷ Ibid., p. 42.

⁶⁸ Ibid., p. 51.

A questão central está no fato de que, mesmo que hoje uma filosofia tenha a metafísica como possível, seu pensamento se apresentará como *uma filosofia* ao lado de outras filosofias e não *a filosofia*. Portanto, já não uma filosofia, mas apenas filosofias.⁶⁹

Diante de tal realidade, a fé perde sua segurança, pois não encontra espaço no pensamento humano, uma vez que “a aceitação de uma filosofia não é mais assentimento à posse geral do espírito humano, mas já uma decisão que pode ser fundamentada, é uma tomada de partido diante de outras posições que podem ser igualmente fundamentadas”.⁷⁰ A filosofia deixou de perguntar pelo todo da realidade com o objetivo de se tornar ciência exata, mas se encontra mais dilacerada e mais desamparada que nunca.

Com Wittgenstein a filosofia se fecha de modo inteiramente exato se restringindo à análise da linguagem humana, renunciando também ele à questão da realidade. Contudo “a tarefa da filosofia não se realiza com isso, pois o homem deve continuar a viver e a encher sua vida com um sentido que vai além de toda fixação arbitrária e deve ser encontrado na responsabilidade diante da realidade”.⁷¹

Com a acomodação da filosofia ao esquema das ciências exatas, o sistema do pensamento moderno se fecha, resta agora o “homem absurdo” que procura sentido existencial. Onde se pensa somente com exatidão, com cálculo técnico, a única coisa que resta é a linguagem das fórmulas. Tal realidade leva Ratzinger a declarar que “a absolutização da positividade, como Comte tinha profetizado, torna impossível não só a questão sobre Deus, mas também a questão sobre o homem e a realidade em geral. Ela faz assim impossível a própria existência e também a nega”.⁷²

Vale lembrar que o positivismo, enquanto método científico exato, é útil e necessário para superar os problemas da humanidade. Mas, o positivismo como visão de mundo é insuportável e representa o fim do homem.⁷³ Pois a essência do homem, o sentido do homem, o Lógos, não pode ser reduzido à linguagem do cálculo ou da lógica formal. Contrariando a tese de Wittgenstein, de que “temos que nos calar sobre aquilo de que não podemos falar”, Ratzinger afirma que justamente sobre o indizível deve o homem falar para que fale de si mesmo,

⁶⁹ Cf. *Ibid.*, p. 42.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 42.

⁷¹ *Ibid.*, p. 53.

⁷² *Ibid.*, p. 53.

⁷³ Cf. *Ibid.*, p. 54.

deve falar do incalculável para atingir o humano. Por isso sugere que a Filosofia renuncie sua ambição de ser exata como a física e a química, volte a procurar a universalidade, que não trate o problema de Deus como superado, que lide com a “fé”, isto é, com a tentativa de refletir, de purificar, de universalizar decisões fundamentais do espírito num pensamento responsável.

Embora esteja filosoficamente privada de lugar, a fé não foi superada. Essa privação é indício de uma crise geral da consciência em que nos encontramos. A fé restitui o homem a ele mesmo, mas somente quando, auxiliada pela filosofia, lança-se para o todo da realidade sustentada na radicalidade da questão da verdade. Mesmo sem uma base comum a precedendo, a fé pode ofertar o sentido que o homem precisa, pois crer “não significa um sistema de meio conhecimento, mas uma decisão da existência – o viver para o futuro que Deus nos outorga para além do limite da morte”.⁷⁴

3.3 – O problema da verdade e a ditadura do relativismo

Demonstramos até agora a situação do ser humano diante da questão de Deus e o dilema da fé nos dias de hoje, isto é, apontamos para o limite da compreensão moderna de realidade e o lugar da fé (redução ao âmbito subjetivo) e, com isso, certa falsificação da verdade e do ser humano. Apresentaremos, nesta mesma linha de pensamento, o que Ratzinger compreende como questão central para que a fé cristã hoje possa tornar-se verdadeiro caminho existencial para o ser humano, a questão da verdade, bem como os elementos essenciais em torno dessa problemática.

Para tratar da questão da verdade e da ditadura do relativismo, faz-se necessário analisar a crise da pretensão à verdade que o cristianismo vive neste início do terceiro milênio, depois aprofundar como foi se desenvolvendo na maneira de pensar e de existir dos tempos modernos um novo conceito de verdade e realidade que costuma condicionar o nosso pensar e falar. Neste contexto, assinalar que a opção da fé cristã é pelo Logos, isto é, o “cristianismo, desde o começo, definiu-se como a religião do logos, como a religião conforme a razão”.⁷⁵ E, por fim, demonstrar que o predomínio do relativismo, enquanto

⁷⁴ Ibid., p. 39.

⁷⁵ RATZINGER, J. *A Europa na crise da cultura*, In.: *Communio*. Vol. XXVIII, Nº 1: janeiro/março 2009, p. 46.

filosofia dominante, transloca a fé para o âmbito subjetivo, privando-a de interagir com a realidade.

Assim, a fé cristã deve ser colocada no plano do conceito da “verdade” e não “das” tradições religiosas. A fé faz a opção pela verdade, de ser conforme a verdade, de servi-la. Eis a tese polêmica e contrastante de Joseph Ratzinger: a fé pertence ao âmbito da verdade, pois, hoje como ontem, é a opção para a prioridade da razão e do racional.⁷⁶

3.3.1 – A inevitabilidade da questão da verdade

Para Ratzinger o conceito de verdade é fundamental, é questão essencial para a fé cristã. Existem verdades objetivas, valores intrinsecamente verdadeiros, diferentemente do que é afirmado pelo pensamento moderno que consolidou a ideia segundo a qual não há nada simplesmente verdadeiro ou bom por si, mas depende do contexto, da conveniência, da utilidade.⁷⁷ E onde a utilidade é posta acima da verdade, o homem torna-se escravo da utilidade e dos que podem decidir sobre ela.⁷⁸

Noutras palavras, desde a modernidade, a pretensão da verdade foi posta em dúvida a tal ponto que “no início do terceiro milênio, e precisamente no âmbito de sua expansão original - Europa -, o cristianismo se encontra imerso em uma profunda crise que é consequência da crise de sua pretensão da verdade”.⁷⁹ Tal pretensão cristã, da fé conforme a verdade, tem seu sentido na encarnação do Logos, a revelação da verdade.

Essa pretensão cristã de levantar a exigência da verdade em favor dos enunciados concretos da fé parece, hoje, não apenas arrogância, mas também sinal de falta de ilustração, de um iluminismo deficiente, afirma Ratzinger.⁸⁰ Optar pela verdade tornou-se sinônimo de intolerância.

O espírito de nossa época pergunta ainda como Pilatos: “O que é a verdade?”, e compreende esta pergunta como a única atitude apropriada em

⁷⁶ Cf. TESSORE, D. *Bento XVI: questões de fé, ética e pensamento na obra de Joseph Ratzinger*, São Paulo: Claridade, 2005, p. 29.

⁷⁷ É neste sentido de negação da verdade em prol da utilidade que a Igreja deve oferecer o seu contributo. Ratzinger, nesta perspectiva, compreende que o ser humano dispõe de um sentido do verdadeiro como o sentido do útil, e salienta que “a utilidade não é algo de malévolo; tomada, porém, como valor absoluto, torna-se força do mal, porque, quando se alheia da verdade, a si mesma se nega e se elimina” (RATZINGER, J. *Igreja e Nova Europa*, p. 39).

⁷⁸ RATZINGER, J. *Fé, verdade e tolerância*, p. 206.

⁷⁹ RATZINGER, J., D'ARCAIS, P.F., *Deus existe?*, São Paulo: Planeta, 2009, p. 11.

⁸⁰ RATZINGER, J., *Fé, verdade e tolerância*, p. 70.

relação à verdade, pois, nesta concepção, a verdade é substituída pela decisão da maioria, uma vez que ela não pode ser considerada uma entidade acessível e vinculadora para todos os homens.

Diante disto, quem permanece nesta linha de pensamento considera que a multiplicidade das culturas é prova da relatividade de todas elas; assim “a cultura é contraposta à verdade”. E é justamente aqui que temos o núcleo do problema: “Esse relativismo, que é hoje o sentimento fundamental dos homens ilustrados, penetrando amplamente até mesmo a teologia, é o mais profundo problema de nosso tempo”.⁸¹ A mudança de paradigmas, dos conceitos de eclesiocentrismo, cristocentrismo, para um reinocentrismo, como se os primeiros já estivessem superados, mostra que a verdade foi substituída pela práxis, pelo critério de utilidade, pelo primado do factível.

No entanto, prescindir da questão da verdade, liquida também a norma ética, pois quando não se identifica o que é verdade, não é possível saber o que é bom e muito menos o que é o bem em sentido absoluto. Quando o bem é substituído pelo “melhor”, o bem é posto de lado. O “melhor”, que para Ratzinger é definido pelo cálculo das consequências de uma ação, favorece não o bem, mas a categoria do “útil”, estabelecendo o relativismo ético, por isso recorda que é necessário compreender que “a verdade e o bem constituem o coração de toda a cultura”.⁸² Mas qual a origem da pretensão e da dúvida em relação à verdade? Não estaria o cristianismo contestando a tolerância, virtude por excelência da modernidade, ou retrocedendo nas conquistas de igualdade das culturas?

A questão da verdade, por ser uma questão que diz respeito ao ser humano, e por isso à fé, tornou-se inevitável. Deixá-la de lado significaria relativizar a própria vida. Se a fé cristã almeja ser uma possibilidade de verdadeira existência para o ser humano, se quiser anunciar Deus ao mundo e aos homens, então precisa colocar no centro de sua reflexão a questão da verdade: “a pergunta sobre Deus é, simultaneamente, a pergunta sobre a verdade e sobre a liberdade”.⁸³

⁸¹ Ibid., p. 70.

⁸² Cf. Entrevista a Jaime Antúnez Aldunate, apud BLANCO, P., *Joseph Ratzinger: uma biografia*, p. 222.

⁸³ RATZINGER, J., *Jesus Cristo, hoje*, In.: *Communio*. Vol XXIII, N° 1, 2005, p. 89.

3.3.2 - A pretensão da verdade posta em dúvida

Apontamos que a crise da fé cristã é consequência da crise de sua pretensão da verdade. Ratzinger aponta duas dimensões que a tornam densa tal como se apresenta. Constatando o fechamento da filosofia à metafísica, insiste que a atitude que mais falta ao homem moderno é a submissão da inteligência à verdade. Falta firmeza na verdade porque a base que a sustenta foi tirada: a certeza de que o homem é e está aberto à verdade, é capaz da verdade e não tem o direito de mudar uma vírgula da verdade que foi dado conhecer. Renunciar ou deturpar a verdade não resolve o problema humano, ao contrário, conduz à ditadura da arbitrariedade, na qual toda decisão humana é substituível. “O homem perde a dignidade quando não é capaz de conhecer a verdade, quando tudo não passa de produto de uma decisão individual ou coletiva”.⁸⁴

Esta é, portanto, a primeira face da dupla dimensão: “questiona-se cada vez mais se é realmente oportuno aplicar o conceito de verdade à religião; em outras palavras, se é dado aos homens conhecer a autêntica verdade sobre Deus e as questões divinas”.⁸⁵

Situado no mesmo nível das demais religiões, o cristianismo é atualmente considerado pelo pensamento atual como que cego diante da limitação humana do conhecimento divino. Este pensamento que perfaz a mentalidade historicista e relativista posiciona-se cada vez mais cético frente à pretensão da verdade em matéria de religião, pois levanta questões que desestabilizam as origens e conteúdos do cristianismo. A tal ponto que surge um novo conceito de verdade: já não mais como uma força vinculadora e uma promessa segura, mas foi transformada em uma forma de expressão cultural do sentimento religioso. Isto se deve ao fato dos fundamentos filosóficos do cristianismo se mostrarem problemáticos após o “fim da metafísica” e seus fundamentos históricos serem colocados à prova pelos métodos históricos modernos.⁸⁶

Aqui emerge o problema central da fé cristã para apresentar-se como verdadeira existência para o ser humano do Terceiro Milênio: a verdade do cristianismo. Para Ratzinger o centro essencial da fé cristã é justamente aquilo que lhe é negado hoje, um encontro sempre novo com a Verdade, um acontecimento onde o Logos, Deus Vivo, Contemporâneo do Ser humano, se

⁸⁴ Id., *O Sal da Terra*, p. 55.

⁸⁵ Id., *Deus existe?*, p. 11.

⁸⁶ Cf. *Ibid.*, p. 12.

aproxima e fala. “O cristianismo não é uma filosofia complicada e envelhecida com o passar do tempo, não é uma imensa coleção de dogmas e preceitos: a fé cristã consiste em sermos tocados por Deus e sermos suas testemunhas”.⁸⁷

Por isso, Ratzinger admite duas tarefas urgentes: o dever da teologia cristã em examinar cuidadosamente as diferentes instâncias que se levantaram contra a pretensão da verdade do cristianismo no âmbito da filosofia, das ciências naturais, da história, e enfrentá-las com coragem, assim como, também deverá obter uma visão geral da questão da verdadeira essência do cristianismo, de seu lugar na história das religiões e sua localização na existência humana.⁸⁸

Ratzinger parte da concepção de que desde a sua origem, o cristianismo encontrou seus precursores, e sua preparação interna no racionalismo filosófico não nas religiões. Sustentado na tradição bíblica e no pensamento agostiniano, aponta uma evidente continuidade desde o escárnio dos deuses, nos Salmos e teologia da sabedoria do Antigo Testamento, ao lugar dado por Paulo ao cristão no primeiro capítulo da Carta aos Romanos, bem como aos primeiros teólogos do cristianismo, os apologistas do século II.

Todos estes momentos e autores fazem alusão ao divino que a análise racional da realidade pode perceber, e não como as demais religiões, as quais se baseiam nas imagens e ideias míticas. Ratzinger situa, portanto, o cristianismo no âmbito da “teologia física”, tal como Agostinho. Além disso, toda sua reflexão está pautada na existência do Verbo que se fez carne, o Logos, que fundamenta a racionalidade da fé cristã, o que significa que o cristianismo é um triunfo sobre a desmitologização, um triunfo do conhecimento e, com isso, da verdade; verdade que torna a aparência supérflua.

Toda esta discussão pode ser resumida com as próprias palavras de Ratzinger:

Agostinho identifica o monoteísmo bíblico com as ideias filosóficas sobre o fundamento do mundo formadas em suas diversas variantes na filosofia antiga. A isso se faz referência quando, desde o sermão do Aerópago de Paulo, o cristianismo se apresenta com o propósito de ser a *religio vera*. Assim, pois, a fé cristã não se baseia na poesia nem na política, essas duas grandes fontes da religião; baseia-se no conhecimento. Venera esse Ser que é o fundamento de tudo o que existe, o “Deus verdadeiro”. No cristianismo, o racionalismo se tornou religião e não é mais seu adversário.⁸⁹

⁸⁷ RATZINGER, J., Testigos de la luz de Dios, em La Razion, apud. In.: BLANCO, P., *Bento XVI: uma biografia*, p.156.

⁸⁸ Cf. RATZINGER, J. *Deus existe?*, p. 12.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 13.

Portanto, o cristianismo, desde suas referências e primeiras instâncias, não quis ser uma religião entre outras religiões, não quis se limitar à relatividade e à possibilidade de intercâmbio de imagens, com finalidades ou utilidades políticas, mas um triunfo do conhecimento sobre o mundo das religiões. Logo, é próprio do cristianismo sua pretensão à verdade, isto é, ele atendeu às exigências da razão e à necessidade religiosa do homem que a filosofia não dá conta; vai além da relação com um deus que exista só no pensamento: “quando o deus do pensamento se encontra no interior de uma religião como deus que fala e age, então conciliam-se pensamento e fé”.⁹⁰

Ora, é justamente essa união entre pensamento e fé que caracteriza o cristianismo como *religio vera*, pois é por ele que todos podem ter acesso a Deus. Esta unidade, racionalismo e fé cristã, se deu no início da missão cristã e na construção da teologia cristã trazendo duas significativas mudanças, entre outras, na imagem filosófica de Deus: o Deus cristão é verdadeiramente *natura Deus* - Deus por natureza - (diferentemente dos deuses míticos e políticos), no entanto, nem tudo que é natureza é Deus: “Deus é Deus por sua natureza, mas a natureza como tal não é Deus”, argumenta Ratzinger, e explica que assim separam-se física e metafísica.⁹¹

Surge a distinção entre Deus e a natureza, pois Deus precede a criação. Com esta distinção surge outro aspecto, e mais decisivo, uma verdadeira reviravolta copernicana na compreensão de Deus: a fé do Antigo Testamento e, principalmente, do Novo Testamento, testemunham que Deus entrou na história dos homens, foi ao encontro do homem para que o homem pudesse encontrar-se com Ele: “o homem pode unir-se a Deus porque Deus se uniu ao homem”, afirma Ratzinger e daí conclui que “as duas dimensões da religião que sempre estiveram separadas – a natureza dominante e a necessidade de salvação do homem que sofre e luta – aparecem intimamente unidas”.⁹²

Assim, “o racionalismo pôde se transformar em religião porque o mesmo Deus do racionalismo entrou na religião”.⁹³ Essa é a questão básica para entender em que medida se configura a apologia do cristianismo como *religio vera*. Embora o elemento decisivo, a Encarnação do Verbo, exija fé, o Logos é a

⁹⁰ Ibid., p. 14.

⁹¹ Cf. Ibid., p. 15.

⁹² Ibid., p. 15.

⁹³ Ibid., p. 15.

condição prévia para que os dois princípios fundamentais, aquele aceito pelo racionalismo filosófico e este pela fé cristã, condicionem o triunfo do cristianismo sobre as religiões pela reivindicação de sua racionalidade.

Ratzinger não esgota seu argumento apologético na tese da racionalidade da fé cristã, mas aponta o rigor moral do cristianismo como motivo de igual importância, salientando que as exigências que o Deus único faz ao homem coincide com o que todo homem traz escrito no coração, expressos por Paulo em sua Carta aos Filipenses: “Levai em consideração tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama” (Fl 4,8).

Aqui novamente ele confronta o revelado com o pensado, isto é, a união de Deus confirma-se e concretiza-se na união igualmente crítica com a moral filosófica (de cunho estóico):

Do mesmo modo que no âmbito religioso, o cristianismo superou os limites das escolas filosóficas ao considerar o Deus que está no pensamento como um Deus Vivo, também aqui se deu um passo da teoria ética à prática moral vivida em comum, na qual a perspectiva filosófica é superada pela concentração de toda a moral no duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo, e se traduz em ação real.⁹⁴

A união entre fé e razão e a orientação moral pela *caritas*, foi a força que levou o cristianismo a se transformar em religião universal. A expressão *religio vera* é, por sua vez, a síntese de razão, fé e vida. No entanto, esta síntese já não consegue expressar a unidade entre racionalismo e cristianismo e a expressão *religio vera* é apenas a expressão de uma cultura histórica. Certamente aconteceram mudanças no racionalismo e no cristianismo para que isso seja assim.

Atualmente parece se impor, como forma de religiosidade que mais se adapta à consciência moderna, uma interpretação diferente da relação entre filosofia e religião daquela dada pelo cristianismo, através da qual não se pode chegar por um único caminho a um mistério tão grande. Para o racionalismo hoje não é possível conhecer a verdade como tal. Não se pode chegar por um único caminho a um mistério tão grande, ao divino. Nem se admite que uma só pessoa reflita o divino a ponto de excluir as outras. Pensar em Cristo como o Caminho é interpretado como intolerância aos “outros” caminhos. Tal é a realidade:

⁹⁴ Ibid., p. 16.

Muitos são os caminhos, muitas as imagens; todas refletem algo do todo e nenhuma é, por si mesma, o todo. Isto abriga o éthos da tolerância, que reconhece em tudo um pouco de verdade, não põe o próprio acima do desconhecido e integra-se pacificamente à sinfonia polifônica do eternamente insuficiente que se oculta nos símbolos, que parecem ser nossa única possibilidade de alcançar o divino de algum modo.⁹⁵

Esta é uma das principais questões que a teologia deve discutir na atualidade. A Igreja precisa se perguntar: Acaso a fé cristã é capaz de se apresentar ao mundo como verdadeira existência humana no mundo de hoje? A fé cristã deve abandonar sua pretensão de ser força vital, de apresentar o Caminho, a Verdade e a Vida e aderir à visão neoplatônica cuja ideia fundamental é de que a verdade está oculta, ou ainda à visão budista ou hinduísta da verdade e dos símbolos? O cristianismo deve se conformar em ser apenas uma parte do rosto de Deus e dar como superada sua pretensão de *religio vera*?

Ratzinger está consciente de que estas questões não podem receber uma resposta meramente teórica, mas precisa de uma combinação de conhecimento e ação. Não um conhecimento que esteja reduzido por completo a uma ciência exata, como queria Marx, opondo à fé o caráter único da matéria, suprimindo a ideia do divino e assumindo como visão predominante do mundo aquela estritamente “científica”.

A fé cristã é, hoje como ontem, a opção da prioridade da razão e do racional. Esta foi e é a opção cristã fundamental: a existência original do Logos. Assim, não é a razão um subproduto casual do irracional, ao contrário, a razão está no princípio de todas as coisas e em seu fundamento, ou no princípio está a força criadora da razão, pois “no princípio era o Verbo” (Jo 1,1).

O cristianismo é, portanto, uma religião com uma visão racional da realidade, uma religião que tem, na sua concepção de mundo, os conceitos de natureza, homem, deus, éthos vinculados entre si, pautado na primazia do amor. Disto decorre uma consideração: “a primazia do logos e a primazia do amor se mostraram idênticas. O logos se mostrava não só como razão matemática no fundamento de todas as coisas, mas como amor criador a ponto de ‘compadecer’ com o criado”.⁹⁶

⁹⁵ Ibid., p. 18.

⁹⁶ Ibid., p. 21.

Ratzinger argumenta que a formulação, ou a busca, de uma ética da paz universal, ou mesmo de um sentido racional para a existência humana, por parte da teoria da evolução que tem seu conceito-chave no modelo de seleção, é pouco apropriado e não chega a ser uma *philosophia universalis*, ou seja, não é uma resposta ao sentido da vida. Por isso urge, para que a fé cristã seja compreendida e acolhida como força vital, uma busca de sentido claro ao conceito do cristianismo como *religio vera* a partir do reto agir (ortopraxis) e no reto crer (ortodoxia). Para isso, o argumento mais profundo deve consistir no fato de que “o amor e a razão coincidem como verdadeiros pilares fundamentais do real: a razão verdadeira é o amor, e o amor é a razão verdadeira. Em sua união constituem o verdadeiro fundamento e o objetivo do real”.⁹⁷

A expressão bíblica da primeira Carta de João, de modo belo e conciso, mostra a síntese cristã que é fundamento de toda a reflexão de Ratzinger: “nós acreditamos no amor” (1 Jo 4,16). Cristo tornou-se o descobrimento do amor criador. A racionalidade do universo revelou-se como amor, como racionalidade maior que acolhe e salva o obscuro e o irracional: “razão e mistério encontraram-se; a concentração do todo em um só abriu as portas a todos. Todas as pessoas podem se tornar irmãos e irmãs, sob um único Deus”.⁹⁸

3.3.3 - A gênese do problema da verdade e da ditadura do relativismo

A questão da fé cristã como verdadeira existência tornou-se particularmente problemática na época moderna. Depois que a filosofia esqueceu e até rejeitou o conhecimento do ser em geral, do ser divino e do ser criado em particular, a dimensão mais profunda da realidade tornou-se inacessível à inteligência humana. O alcance cognoscitivo se limita ao sensível, ao que é fenomênico.

O campo em que a razão moderna se move com desenvoltura é unicamente o campo das manifestações sensíveis da realidade, e seu trabalho próprio consiste em ordenar o que os sentidos percebem. Se a realidade é percebida como ordenada, ela é enquanto percebida de modo ordenado, graças à capacidade ordenadora do sujeito que a percebe, mas ela não é ordenada em si mesma, o que postularia a existência de um princípio ordenador. Portanto, a filosofia não se ocupa mais do conhecimento da realidade, mas daquilo que os

⁹⁷ Ibid., p. 22.

⁹⁸ Id., *Fé, verdade e tolerância*, p. 144.

seres humanos pensaram a respeito da mesma, no decurso dos séculos. O real é o que aparece, o que é dado aos sentidos e aos instrumentos científicos, o que pode ser visto, tocado, medido, quantificado. O saber da realidade é o saber das ciências. E o sensível é o inteligível.

A ciência determina o lugar do ser humano dentro do mundo real e marca instintivamente a existência de cada pessoa, limitando a realidade aos fenômenos, ou seja, àquilo que aparece e que deve ser submetido ao controle da razão.

Desistimos de procurar o lado em si das coisas, aquilo que não aparece; já não sondamos a essência do próprio ser; não vemos sentido nessa tentativa, porque a profundidade do ser nos parece inatingível. Já nos acostumamos com essa perspectiva que só toma em consideração o visível, no sentido mais amplo do termo, e aquilo que temos condição de medir.⁹⁹

Com Karl Marx, a única realidade existente é a matéria e todas as realidades são materiais e manifestações diferenciadas de uma mesma e única matéria. Dentro deste horizonte de conhecimento, não há qualquer espaço para uma afirmação absoluta nem para um valor absoluto. Tudo é relativo ao grau de evolução da matéria. O que é válido neste momento pode não sê-lo logo mais. Uma ação válida pode ser modificada pela razão. Uma hipótese pode ser contestada e superada por outra. Tudo depende da capacidade da razão de formar e verificar hipóteses.

Tal relativismo concebe a razão como ativa e produtiva. A razão deixa de ser receptiva e acolhedora e por isso deixa de ser enriquecida pela realidade entendida, posto que seja ela que a forma, a ordena e enriquece.

Neste horizonte, Ratzinger interpreta as consequências desastrosas para a fé cristã e para a reflexão teológica. Ela não deixa espaço para que Deus se dê a conhecer ao ser humano, pois, mesmo que Ele se tenha dignado revelar-se, principalmente através de Jesus Cristo, o que o ser humano consegue captar da revelação divina não é Deus, a sua identidade e os seus desígnios divinos, mas apenas a fenomenalização da sua revelação. Deus permanece incognoscível no seu ser e na sua identidade mais profunda. Não existe, então, uma imagem absoluta de Deus assim como não existe uma verdade absoluta. Não existe uma única cosmovisão, mas cosmovisões.

⁹⁹ Id., *Introdução ao Cristianismo*, p. 44-45.

O mistério, em lugar de ser uma realidade que enriquece a inteligência, passa a ser um limite para a inteligência, aquilo que a inteligência ainda não conseguiu entender, por isso deve ser superado e não recebido como dom de Deus.

Com este panorama, é possível compreender o lugar que a modernidade reserva à fé. No entanto, fora de uma visão de fé, isto é, se se prescinde da revelação do Cristo que se fez Palavra justamente para ser executado e entendido pelos homens, nunca chegará à experiência salvífica com Jesus Cristo. Sendo a fé deslocada da realidade e, por consequência da verdade, Cristo passa a ser um ser humano, até mesmo notável, mas nunca Deus; um líder religioso, um grande profeta, mas não é Deus e por isso não faz da história humana uma história da salvação.

O que, então, poderia a fé cristã oferecer ao ser humano que a outra religião não poderia? Se a visão da realidade que conta é somente a científica, a vida, e missão cristã são de somenos importância para a reflexão racional. O que era desde o princípio, a Vida que se manifestou, a Vida eterna que o cristianismo anuncia (cf. 1 Jo 1,1-3) é apenas a pretensão de uma face da verdade ser acolhida como Verdade.

Para Ratzinger, a metodologia das ciências se baseia na limitação aos fenômenos, os quais possibilitaram o desenvolvimento, na maneira de pensar e de existir dos tempos modernos, de um novo conceito de verdade e realidade.¹⁰⁰ Ele constata duas fases de reviravolta espiritual que geraram esta atitude descrita: a primeira, que está na origem do historicismo, e a segunda, expressa pelo guinada para o pensamento técnico, pensamento científico.

A primeira foi preparada por Descartes e recebeu a sua forma definitiva em Kant, no entanto Ratzinger localiza, embora com uma abordagem diferente, uma manifestação no pensamento do filósofo italiano Giambattista Vico (1688 – 1744) que “parece ter sido o primeiro a formular uma ideia totalmente nova de verdade e conhecimento, tendo estabelecido, numa antecipação ousada, a fórmula típica do espírito moderno em relação à questão da verdade e da realidade”.¹⁰¹ Trata-se da superação da fórmula escolástica que afirmava que *o ente é a verdade* (*verum est eus*), e por isso fim da metafísica, para a acolhida da fórmula de Vico:

¹⁰⁰ Ibid., p. 45.

¹⁰¹ Ibid., p. 45.

só podemos reconhecer como verdadeiro aquilo que foi feito por nós mesmos (*verum quia factum*), portanto o início do espírito especificamente moderno.

Segundo Ratzinger, para a Antiguidade e a Idade Média é o próprio ser que é verdadeiro. Todo ser é ser pensado. Sendo pensamento, é também sentido, *logos*, isto é, verdade. O ser é reconhecível, porque foi feito por Deus que é o intelecto por excelência; mas ele o fez pensando-o. Daí resulta que o ser humano “pode refletir sobre o *logos*, o sentido do ser, porque o seu próprio *logos*, a sua própria razão, é *logos* do único *logos*, é pensamento do pensamento original, do espírito criador que perpassa o ser”.¹⁰²

Vico rejeita o cânon da Verdade da Idade Média, e dá forma à mudança fundamental introduzida pelo espírito moderno.¹⁰³ Vico aprofunda, de acordo com Ratzinger, a visão cartesiana de que apenas a certeza formal da razão, purificada das incertezas do factual, pode ser vista como certeza verdadeira. Mas Descartes entende a certeza da razão em sua essência segundo o modelo da certeza matemática. Porém Vico vai muito além e estabelece uma tese que extrapola Descartes que ainda exigia a exclusão dos fatos para a obtenção das certezas.¹⁰⁴

O problema do historicismo, segundo Ratzinger, tem por base um raciocínio antigo, ainda de Aristóteles, que declara que o verdadeiro conhecimento é o conhecimento das causas, mas Vico tira uma conclusão totalmente nova, a de que só é possível conhecer aquilo que o homem faz, porque o homem só conhece a ele. Ratzinger conclui:

Isso significa que no lugar da antiga equiparação entre verdade e ser aparece uma nova que iguala a verdade à facticidade; só podemos conhecer o ‘factum’, ou seja, aquilo que nós mesmos fizemos. A tarefa e a possibilidade do espírito humano não consiste em refletir sobre o ser e sim sobre o *factum*, o feito, o mundo próprio do homem, porque só a este conseguimos compreender verdadeiramente.¹⁰⁵

¹⁰² Ibid., p. 46.

¹⁰³ Para maior conhecimento das questões referentes ao pensamento de Vico, pode-se consultar uma obra de introdução: BURKE, Peter, *Vico*, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997 (comentário que elucida a formação da teoria de Vico e traços biográficos), bem como sua obra magna: VICO, Giambattista, *A ciência nova*, Rio de Janeiro: Record, 1999.

¹⁰⁴ Trata-se de uma questão central na formulação do pensamento científico moderno. Para maior compreensão do embate filosófico-científico consultar: GARBAYO, Luciana Sarmiento; SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de, *Conhecer é criar: a polêmica de Vico contra Descartes na consideração dos limites do conhecimento*, Dissertação de Mestrado, Departamento de Filosofia, PUC – Rio, 2000.

¹⁰⁵ RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 47.

Com o reinado do *factum* acontece a virada radical do homem em direção a sua própria obra como a única coisa de que pode ter certeza. Assim, “a história, que antes havia sido desprezada e tratada como não-científica, aparece agora como a única ciência verdadeira, ao lado da matemática”.¹⁰⁶ A história passa a absorver o universo das ciências e transformá-las fundamentalmente.

O historicismo, que daí decorre, declara que toda a verdade é apenas uma expressão de uma cosmovisão temporalmente localizada e limitada. Tudo o que é pensado o é não porque isto ou aquilo se imponha como verdade universal e permanentemente obrigatória, mas apenas porque se impõe num lugar e por um período limitado. Noutras palavras, há um condicionamento histórico e, portanto, a verdade como tal não pode ser objeto de questionamento radical. Nem há possibilidade de conhecê-la.

A verdade é facilmente reduzida a expressões históricas, sendo a história mesma uma irrefreável negação da verdade. O ceticismo torna-se um caminho muito mais agradável, proporcionando muitos e variados ataques à crença na existência da verdade, na possibilidade de conhecer, a crença na posse atual e plena de alguma verdade capaz de dar fundamento universal e permanente à fé cristã.

A nossa civilização é a primeira que tem acesso a documentos da história de todas as outras civilizações e todos os outros tempos. A partir do século XVIII surge a ciência histórica e a filosofia da história buscando, ambas, uma visão global do desenvolvimento humano. No entanto, as primeiras generalizações, com documentação insuficiente e sem critérios maduros, fazem uma leitura deturpada situando a filosofia antiga no passado, própria de um tempo, para aqueles homens, situando cada ideia no seu contexto histórico, cultural e social, gerando assim um distanciamento da reflexão atual. Platão e Aristóteles falaram para os gregos e não para o homem do terceiro milênio. Cada um está preso no seu tempo, no seu contexto. Assim, relativiza-se as ideias ao seu tempo, diminuindo sua importância, significado, valor e eficácia.

A compreensão historicista torna-se uma desconpreensão, uma relativização no sentido temporal. Nesse sentido, o atual relativismo cultural denunciado por Ratzinger, é fruto de um relativismo histórico onde a fé cristã é última, pois é neutralizada e impedida de julgar nosso tempo com os olhos daquele Homem de Nazaré que nos é Contemporâneo. Esta ideologia não

¹⁰⁶ Ibid., p. 47.

aceita que a Revelação que se deu na História continue como medida de todas as coisas.

Ratzinger sintetiza o processo de adesão a compreensão historicista:

Em Hegel e, de uma outra maneira, em Comte, a filosofia torna-se uma questão da história em que o próprio ser é visto como um processo histórico; em Chr. Baur, a teologia também se torna histórica e o caminho a ser seguido por ela passa a ser o da pesquisa histórica rigorosa que se concentra nos acontecimentos do passado esperando chegar assim ao âmago das questões; a economia é repensada por Marx em termos históricos, e até as ciências naturais são afetadas por essa guinada geral em direção à história: em Darwin, o sistema dos seres vivos é visto como uma história da vida.¹⁰⁷

No fundo, a ideia que norteia é a de que o mundo só pode ser conhecido enquanto produto da ação humana e, o homem, incapaz de olhar para além de si mesmo, permanece somente no nível da *factum*. A esta ideia da história como morada da verdade, une-se a ideia de que a verdade que interessa é a exequibilidade: “a verdade com a qual o ser humano tem de lidar não é nem a verdade do ser, nem, em última análise, a de seus atos passados, e sim a verdade de transformação do mundo que consiste em dar forma ao mundo, uma verdade, portanto, relacionada com o futuro e a ação”.¹⁰⁸

Eis aqui a guinada para o pensamento técnico, onde o programa “*verum quia factum*” associa-se a outra formulação, de origem marxista, “*verum quia faciendum*”. O predomínio do *factum* é substituído pelo factível, aquilo que deve ser feito. Surge o domínio da ideia de “progresso” e “tecnologia” e com isto a convicção de que o ser humano só pode conhecer realmente aquilo que pode ser repetido; o experimento repetível é o único portador real de certeza confiável. O método científico, então, significa a busca da realidade enquanto revestida de exequibilidade.¹⁰⁹ Assim, o fato é passado, o factível é futuro.

A técnica, que na Idade Média não poderia chegar ao nível do conhecimento verdadeiro, tornou-se o verdadeiro poder e dever do ser humano. Assim, registram-se três momentos distintos com perspectivas diferentes: a Antiguidade e Idade Média centradas no eterno, depois a Modernidade com o predomínio do historicismo e sua orientação ao passado e o agora, o *faciendum*, a técnica unida ao progresso, remetendo-se ao futuro daquilo que o homem é capaz de criar.

¹⁰⁷ Ibid., p. 48.

¹⁰⁸ Ibid., p. 48.

¹⁰⁹ Cf. Ibid., p. 49.

Nesse horizonte é decisiva a pergunta pelo lugar da fé, pois a verdade está reduzida ao *factum*, e o futuro ao factível e não mais ao *logos*, o sentido que está no início de tudo. É necessário perguntar-se pelos elementos realmente essenciais da fé, que para Ratzinger não está vinculado ao saber e fazer (elementos do factível), e demonstrar a fé como ato de firmar-se e de entender, como possibilidade do existir humano: “a fé visa um plano totalmente diferente daquele em que se situam o fazer e a factibilidade, pois ela é essencialmente confiança naquilo que não foi feito por nós e que jamais poderá ser feito e que, nessa condição, sustenta e possibilita tudo o que fazemos”.¹¹⁰

3.3.4 - O relativismo: filosofia dominante¹¹¹

Sendo o factível a determinar o futuro e dar sentido ao hoje, o relativismo se torna uma convicção cada vez mais ampla, como filosofia dominante, como exigência da renúncia da fé cristã à verdade. Essa renúncia seria a condição básica para uma nova paz do mundo e para a reconciliação do cristianismo com a modernidade, para o estabelecimento de um *éthos* de tolerância religiosa e cultural.

Destarte, para Ratzinger, o relativismo tornou-se hoje o problema principal para a fé cristã,¹¹² na medida em que o que é verdade é apenas desde o ponto de vista daquele que a pensa, podendo ser falsidade desde o ponto de vista de todos os demais. Assim, neste mundo caracterizado pelo relativismo, reabilitar a verdade é a tarefa mais urgente, uma vez que “a questão acerca da verdade é a pergunta essencial da fé cristã”.¹¹³

A filosofia moderna, distanciando-se da metafísica e destronando a teologia, não tornou o pensamento mais livre, ao contrário, mais limitado. É convicção de Ratzinger que a razão ao afastar-se das questões últimas, faz-se relativista e incompetente para decifrar os enigmas da vida. Ele, afirma com intrepidez que “quando já não se fala mais de Deus e do homem, do pecado e da graça, da morte e da vida eterna, então tudo vira gritaria, e todo o barulho

¹¹⁰ Ibid., p. 53

¹¹¹ As causas e as leituras sobre a origem e sentido do relativismo são muitas. É certamente um tema amplamente abordado por vários autores e diferentes olhares. Mesmo Ratzinger faz muitas menções a este tema que a cada dia assume proporções maiores e algumas até desastrosas para a fé cristã. No entanto, faz-se necessário abordar alguns elementos.

¹¹² Cf. RATZINGER, J. *Fé, verdade e tolerância*, p. 111.

¹¹³ Ibid., p. 168.

que se faz é só uma tentativa inútil de ocultar o que é autenticamente humano”.¹¹⁴

O relativismo é, para este modo de pensar moderno, como uma verdadeira garantia da liberdade, especialmente da liberdade de religião e de consciência, onde a verdade é substituída pela boa intenção, fazendo a religião manter-se no plano subjetivo porque nem ela é capaz de conhecer aquilo que é objetivamente bom e verdadeiro. O relativismo, como está explicitado,

Não se apresenta apenas com a sua veste de renúncia resignada ante a imensidão da verdade, mas também como uma posição definida positivamente pelos conceitos de tolerância, conhecimento dialógico e liberdade, conceitos que ficariam limitados se se afirmassem a existência de uma verdade válida para todos.¹¹⁵

Inquirindo mais sobre a questão, Ratzinger afirma que,

O relativismo surge hoje também como o fundamento filosófico da democracia, que se baseia no princípio de que ninguém deve pretender conhecer o caminho certo. A democracia vive aceitando todos os caminhos como fragmentos de um esforço comum por encontrar o que é melhor.¹¹⁶

A democracia admite uma concorrência, mediante o diálogo, de formas de vida e não de uma fórmula comum; o sistema é livre na medida em que mantém posturas relativas harmonizadas abertas a novos desenvolvimentos. Assim, no atual contexto democrático, “uma sociedade livre tem de ser relativista; só com esse pressuposto poderá permanecer livre e aberta para o futuro”.¹¹⁷

O relativismo, que portanto constitui um princípio básico da democracia, defende a tese de que o essencial a ela é que tudo pode ser posto em discussão. Ratzinger coloca essa absolutização do relativismo como fundamento da anarquia, pois “a democracia vive com base em que existem verdades e valores sagrados que são respeitados por todos”,¹¹⁸ isto é, a democracia só pode subsistir, sem afundar-se na anarquia, se antes vier precedida de um determinado *ethos*.

¹¹⁴Ibid., p. 190.

¹¹⁵ Conferência no encontro de presidentes de comissões episcopais da América Latina para a doutrina da fé, Guadalajara (México), novembro de 1996, apud., BLANCO, P. *Joseph Ratzinger: uma biografia*, p. 221.

¹¹⁶RATZINGER, J. *Fé, verdade e tolerância*, p. 111.

¹¹⁷Ibid., p. 111.

¹¹⁸ Cf. RATZINGER, J., apud BLANCO, P., *Joseph Ratzinger: uma biografia*, p. 223.

O princípio da maioria só é tolerável se essa maioria não estiver autorizada a fazer tudo ao seu arbítrio. Maioria e minoria estão sujeitas a uma justiça que obriga as duas, estão sujeitas aos elementos fundamentais prévios à existência do Estado e que devem ser invioláveis para todos. Por isso “é de suprema importância para a preparação e a conservação da democracia preservar e aprofundar as convicções morais fundamentais, sem as quais ela não poderá subsistir”.¹¹⁹

A maioria não exprime necessariamente os valores fundamentais, isto é, o critério da maioria nunca é suficiente para definir um valor moral. Não só a democracia, mas a humanidade toda sofre sérias consequências quando se pressupõem que não pode haver nenhuma instância acima das decisões da maioria. Quando tal realidade se estabelece

Uma maioria acidental se torna o absoluto, pois o absoluto, o irrevogável, volta agora a existir. Achamo-nos expostos ao domínio do positivismo e, portanto, à absolutização do acidental, mais ainda, do manipulável. Quando a pessoa humana é excluída da verdade, então é só o acidental e o arbitrário que podem dominá-la.¹²⁰

O relativismo converte-se numa virtude da democracia na medida em que só se considera objetivamente fundamentado o que pode ser demonstrado como num laboratório e as demais questões – Deus, moral, vida eterna – são transferidos para o reino da subjetividade, a tal ponto que pensar que possa existir uma verdade acessível a todos, como faz a fé cristã, no âmbito religioso, implicaria certa intolerância.

No âmbito da política, a concepção relativista é em grande parte válida, pois não existe uma única opção política certa. Há, portanto, certa validade do relativismo no campo político, mas não pode ser implementado sem limites, pois o relativismo total não é a solução.

Ratzinger reconhece que o relativismo já é aplicado conscientemente no campo da religião e da ética, de modo especial na chamada Teologia Pluralista das Religiões, a qual já assume posição de destaque na consciência cristã atual. Mas compreende o relativismo na teologia como um retrocesso da cristologia. De modo especial para J. Hick¹²¹, um dos fundadores e mais destacados

¹¹⁹ Ibid., p. 224.

¹²⁰ RATZINGER, J. *Fé, verdade e tolerância*, p. 173.

¹²¹ Ratzinger considera J. Hick como destacado representante do relativismo religioso. Para conhecer esta realidade apresentada, pode-se consultar uma de suas principais

representantes desta teologia, para quem “a crença numa verdade válida e vinculante para todos na figura de Jesus Cristo e na fé da Igreja é qualificada de fundamentalismo”.¹²² Assim, identificar a figura histórica de Jesus de Nazaré com o Deus vivo representa uma recaída no mito. Jesus é relativizado e considerado apenas mais um gênio religioso entre outros. Neste sentido, Ratzinger salienta que “a dissolução relativista da cristologia e, com maior razão, da eclesiologia, torna-se agora o mandamento principal da religião”.¹²³

Na medida em que convida à tolerância, que reconhece o valor dos outros e facilita a convivência entre as culturas, o relativismo pode parecer positivo e até necessário. No entanto, quando o relativismo

Transforma-se num absoluto, converte-se numa contradição, destrói o agir humano e acaba mutilando a razão. Passa-se a considerar aceitável somente o que pode ser calculado ou demonstrado no âmbito das ciências, que se convertem assim na única expressão de racionalidade: o resto seria subjetivo.¹²⁴

As grandes questões humanas, aquelas que são essenciais, suas decisões sobre a vida, a família, a morte, a liberdade, quando relegadas para a esfera da subjetividade perdem seus critérios. É necessário agir segundo a consciência, mas, constata Ratzinger, a “consciência” no pensamento moderno foi transformada numa “divinização da subjetividade”. Tal visão é um reducionismo daquilo que a tradição cristã tão veementemente anunciou: “a convicção de que o homem é transparente e pode sentir em si mesmo a voz da razão fundante do mundo”.¹²⁵ Por isso “é urgente superar esse racionalismo unilateral, que amputa e reduz a razão, e chegar a uma concepção mais ampla dessa mesma razão, que foi criada não apenas para poder ‘fazer’, mas para poder ‘conhecer’ as realidades essenciais da vida humana”.¹²⁶

obras: *A metáfora do Deus encarnado*, a qual oferece uma compreensão inovadora da figura e do dogma central do cristianismo: Jesus, o Cristo. Trata-se, então, de uma releitura do cristianismo. Cf. HICK, John, *A metáfora do Deus encarnado*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

¹²² RATZINGER, J. *Fé, verdade e tolerância*, p. 113.

¹²³ *Ibid.*, p. 114.

¹²⁴ RATZINGER, J. *Colóquio com o historiador Ernesto Galli della Loggia* (Centro de Orientação Política, Roma, 25 de outubro de 2004, transcrito em *Il Foglio*, 27-28 de outubro de 2004) apud BLANCO, P. *Joseph Ratzinger: uma biografia*, p.222.

¹²⁵ *Ibid.*, p.222.

¹²⁶ *Ibid.*, p.222.

3.4 – À guisa de conclusão: a verdade como questão essencial da fé cristã

Diante da Modernidade, com o predomínio do historicismo e sua orientação ao passado, e o agora do nosso tempo, com o predomínio do *faciendum*, a técnica unida ao progresso, remetendo-se ao futuro daquilo que o homem é capaz de criar, a pergunta decisiva é pelo lugar da fé, pois a verdade está reduzida ao *factum*, e o futuro ao factível e não mais ao *logos*, o sentido que está no início de tudo.

É, portanto, necessário perguntar-se pelos elementos realmente essenciais da fé, que para Ratzinger não estão vinculados ao saber e fazer (elementos do factível), mas ao Logos, e demonstrar a fé como ato de firmar-se e de entender, como possibilidade do existir humano: “a fé visa um plano totalmente diferente daquele em que se situam o fazer e a factibilidade, pois ela é essencialmente confiança naquilo que não foi feito por nós e que jamais poderá ser feito e que, nessa condição, sustenta e possibilita tudo o que fazemos”.¹²⁷

Perante tal realidade, Ratzinger retoma algumas reflexões da *Fides et Ratio* para ponderar sobre a questão da fé e da verdade, pois esta encíclica faz justamente a pergunta se o homem pode e é capaz de conhecer a verdade, as verdades básicas sobre si mesmo, sobre sua origem e seu futuro, demonstrando que “o peculiar da fé cristã no mundo das religiões é afirmar que nos diz a verdade sobre Deus, o mundo e o homem”, e que a fé cristã “pretende ser a *religio vera*, a religião da verdade”.¹²⁸

Isso significa que a questão acerca da verdade é a pergunta essencial da fé cristã e que, nesse mundo caracterizado pelo relativismo,¹²⁹ é necessário reabilitar a aventura da verdade, pois a fé não só se volta para a verdade como também depende dela.

O fato de a atitude cristã de ter fé encontrar a sua expressão na palavrinha 'amém', em que se fundem os significados de fiar-se e confiar, de fidelidade, firmeza, chão firme, estabilidade e verdade, quer dizer que aquilo em que o ser

¹²⁷RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 53

¹²⁸Id., *Fé, Verdade, Tolerância*, p. 168.

¹²⁹Ratzinger não pretende negar que, em certas situações, uma pitada de relativismo e um pouco de ceticismo possam ser úteis, no entanto “o relativismo é inteiramente inadequado a servir de fundamento à vida”, por isso ele recorda que “o relativismo alia-se facilmente com o positivismo; e, de fato é, para este, o verdadeiro fundamento filosófico” (RATZINGER, J. *A Igreja e a Nova Europa*, Lisboa: Editorial Verbo, 2003, p. 70).

humano pode firmar-se definitivamente e que Ihe pode dar sentido só deve ser a verdade mesma.¹³⁰

O desafio de conciliar o caráter absoluto e universal da verdade com o inevitável condicionamento histórico e cultural das fórmulas que a exprimem continua em aberto. Assim como demonstrar que a fé cristã é uma possibilidade de existência humana porque está em sintonia com a verdade é missão da Igreja e dever da teologia.

Se a fé cristã nos apresenta a *verdade* como *caminho*, só quando a fé se torna caminho, vira verdade do *homem*.¹³¹ Mas se a verdade sobre o homem não existe, então ele não possui liberdade nenhuma. De fato, somente a verdade liberta. Mas não a verdade como simples conhecimento, como mera ideia que não tem força, mas a Verdade, que é Jesus de Nazaré.

A fé cristã se torna verdade do homem como caminho que exige a sua atenção e que ele pode e deve trilhar quando este decide abrir-se para Deus. A fé torna-se verdade libertadora para o homem na medida em que ele se volta e se lança no Eterno. A fé é para o homem, na medida que o homem tem necessidade da transcendência. A vida só na imanência é estreita, uma vez que foi criado para buscar as coisas do alto.

Assim, a fé é algo próprio do homem, que o humaniza e Ihe dá vitalidade. O predispõe a abrir-se aos outros, a sair de si mesmo e estabelecer-se no chão da Palavra que dá Vida. É preciso, portanto, buscar uma possível definição da essência da fé, investigar seus dados bíblico e antropológico, seu caráter existencial e racional. Eis o percurso do próximo capítulo.

¹³⁰ Id., *Introdução ao cristianismo*, p. 57.

¹³¹ Cf. *Ibid.*, p. 73.